

João Rui de Sousa

Quarteto para as Próximas Chuvas

Dom Quixote

O universo poético de João Rui de Sousa mantém-se fiel ao rigor da linguagem, à encarnação do sensível, sem dogmas, sem pose. O seu livro *Quarteto para as Próximas Chuvas* traduz bem o esplendor da palavra trabalhada por um artífice dos elementos da vida: água, fogo, terra, ar. São mais de cem poemas inscritos em quatro partes, desenvolvendo-se entre um sentido apolíneo e uma significação nocturnal, dualismo impressivo que ao longo de quase meio século matiza toda a obra de um dos maiores e mais discretos nomes da poesia portuguesa contemporânea.

«E mesmo assim sou magnânimo. / E mesmo assim a minha escrita / é um rosto sempre aberto, / ainda que árduo. E mesmo assim / a minha escrita é um rosto vivo / sempre a testemunhar (a festejar) / a sua pele, o espaço em redor / e a sua intimidade.» (...) Para além de tudo isto / sou um animal desaqueitado (...). Este excerto de *O Rosto (O Rasto) da Escrita*, um dos mais belos poemas do livro, desoculta de certo modo o poeta que domina como poucos a dinâmica da metáfora não como jogo lúdico, sim para aprofundar a reflexão do ser e transfigurar dialecticamente todas as possibilidades da estética e da ética.

João Rui de Sousa diz-nos que «Os poetas são pontes / para numerosos recados.» Talvez seja esse o destino de um autor que usa as «límpidas palavras» para fazer crescer «a luz da casa humana».